



Formação para uma cultura de proteção

Representantes do Judiciário e da OAB-DF destacaram o abismo entre a maioria feminina da população e a baixa presença em cargos políticos. O segundo painel reforçou o papel da advocacia no acolhimento a vítimas de violência doméstica

Educação é chave para espaços de poder

» RENATO SOUZA
» LUIZ FELLIPE ALVES
» LETÍCIA MOUHAMAD
» ANA CAROLINA ALVES

O protagonismo feminino como formação que preza autonomia e direitos deu o tom do segundo painel do *CB.Debate*, realizado ontem, cujo tema foi “O Brasil pelas Mulheres — formação para uma cultura de proteção”, mediado pelas jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niederauer. Em um cenário ainda marcado por desigualdades e violência, representantes do poder público, especialistas e integrantes da sociedade civil discutiram como ampliar a participação das mulheres nos espaços de decisão e fortalecer uma cultura de proteção.

No palco, estiveram presentes Cristina Tubino, advogada e assessora da ministra Daniela Teixeira no Superior Tribunal de Justiça (STJ); Nildete Santana, diretora da Mulher na Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF); e Isabelle de Sousa Duarte, especialista em estereótipo de gênero e vice-presidente da Comissão de Combate à Violência Doméstica e Familiar da OAB-DF. “A sociedade ainda precisa avançar muito na busca pela igualdade e fim da violência contra as mulheres”, avaliou Cristina.

Somente as políticas educacionais, segundo a assessora do STJ, vão atuar de maneira profunda para combater a violência contra a mulher no Brasil, de forma que elas assumam o protagonismo de suas próprias vidas e, também, dos espaços da sociedade. “Noventa por cento do que falamos aqui hoje (ontem) foi sobre mulheres em situação de violência. Claro que, quando falamos sobre protagonismo feminino, estamos abordando a força de transformação social. Afinal, as mulheres são sujeitos ativos de mudança. Mas lutar contra as desigualdades, o nosso grande impasse, só será possível com a educação”, pontuou.

Cristina destacou que a discussão sobre aumento de punição para os agressores é relevante, mas que ocorre quando a violência já está exacerbada. Daí, a importância de atacar o problema antes de sua ocorrência. “Quando o Judiciário discute a punição lá no final, quando aumentamos a pena, quando precisamos que o Legislativo fale o óbvio, como o Congresso promulgando que a dignidade da menina de 14 anos é absoluta, nós estamos discutindo o problema instaurado. A mulher já foi vítima de violência que, uma vez cometida, não é passível de reparação na mesma proporção”, ressaltou.

“A autonomia da mulher é um direito



Lutar contra as desigualdades, hoje o nosso grande impasse, só será possível com a educação”

Cristina Tubino,
advogada e assessora do STJ

à mulher. “Nós não iremos vencer essa luta sozinhas. Precisamos trazer os bons homens para o nosso lado, precisamos dialogar com eles”, pontuou. Nesse sentido, as ações de reeducação devem ser feitas com homens e mulheres, segundo a advogada.

Ocupar mais espaços de poder é, para a diretora da Mulher na OAB-DF, um dos passos principais. “O que eu quero é que conquistemos os lugares que os homens tomaram de nós. Somos 54% da população e isso não é refletido em lugares de poder, como na Câmara, no Congresso e em outros espaços”, avaliou.

Atuação da advocacia

Isabelle Duarte, especialista em estereótipo de gênero e vice-presidente da Comissão de Combate à Violência Doméstica e Familiar da OAB-DF, chamou atenção para os crescentes números de feminicídios no Brasil. A jurista destacou que, mesmo com campanhas, mudanças na legislação e repercussão na imprensa, os números continuam aumentando.

Para ela, é imprescindível que as mulheres ocupem mais espaços nas instituições. “Ver mulheres no espaço decisório é muito importante. Quando eu vejo as minhas iguais nestes locais, entendo que é importante chegar naquele lugar. As nossas meninas precisam entender que elas também conseguem”, frisou.

Apesar de as mulheres serem 54% da população do Brasil, apenas 18,1% dos postos da Câmara dos Deputados são compostos por mulheres, e 19%, no Senado. “Tudo isso é pouco. O Brasil ainda é um país no qual elas ganham de 20,9% a 21% menos que os homens. As mulheres pretas, em relação a homens brancos, ganham 53% a menos. E tudo isso em um país em que a capacitação delas é maior”, ressaltou.

A especialista destacou a relevância da atuação da advocacia no acolhimento das mulheres vítimas de violência e na orientação sobre como procurar as instituições para denunciar o agressor, a fim de buscar a responsabilização. “A OAB tem sistemas de acompanhamento das vítimas sem condições financeiras para fazer uma contratação de advogado ou advogada particular. Desde o acompanhamento até a delegacia e durante o processo judicial, tudo é acompanhado”, completou.

Para receber atendimento, basta procurar os canais de atendimento da OAB ou outros sistemas governamentais voltados para o acolhimento da mulher, como a Casa da Mulher Brasileira. “O DF é bem aparelhado no atendimento à mulher vítima de violência”, reforçou Isabelle Duarte.

Temos que reeducar homens e mulheres. Nossa luta não será vencida se fizermos isso sozinhas”

Nildete Santana,
diretora da Mulher na OAB-DF



Ver mulheres no espaço decisório é muito importante. Quando eu vejo as minhas iguais nestes locais, entendo que é importante chegar naquele lugar”

Isabelle Duarte, vice-presidente da Comissão de Combate à Violência Doméstica e Familiar da OAB-DF



fundamental, e é lógico que as sanções são necessárias para quem comete crimes contra esse público. Sempre fui defensora da aplicação de torção eletrônica. Mas não tenho dúvida de que só vamos mudar essa realidade — péssima, pois a violência só aumenta — com a educação”, reforçou a assessora. Cristina ainda citou leis que são exemplos de como a situação deve ser enfrentada, como a obrigatoriedade

de conteúdos escolares que reforçam os direitos conquistados pelo público feminino.

Reeducação

Diretora da Mulher na OAB-DF, Nildete Santana destacou que é necessário rever a educação oferecida às pessoas, uma vez que os comportamentos machistas são constantemente perpetuados. “Eu fui

criada de forma machista, mas a cada dia dou um passo a favor do feminismo. Eventualmente, ainda me pego pensando: ‘será que sou machista?’ Isso é uma coisa que precisamos fazer o quanto antes, para começar a quebrar essa cultura”, afirmou.

Para ela, debates como o promovido pelo *Correio* são de extrema importância, inclusive quando contam com a participação masculina no que tange a assuntos de proteção

a outra, têm inspirado artistas, músicos, poetas e pesquisadores de nossas riquezas, de nossas águas que se derramam por 12 bacias de grandes rios de Sul a Norte, Leste e Oeste.”

Fiquei curioso para saber qual será o destino do Sítio Neves, preservado com tanta luta, depois que Giovanardi não morar mais lá. E ele me informou que, por decisão da família e acolhimento do Ibram/DF, com aplicação da lei ambiental, foi declarado em 18 de agosto de 2023, reserva do patrimônio natural do DF, em caráter perpétuo. Que baita presente Giovanardi legou às futuras gerações de brasilienses. Giovanardi explica: “Não sou mais posseiro nem proprietário daqueles 70 hectares de Cerrado. Sou hóspede deles como as árvores, os colibris, as borboletas azuis, as aranhas e os saguis”.



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Santuário do Cerrado

Em 1974, depois de passar dois anos em um estágio numa universidade da Inglaterra, o sociólogo gaúcho Eugênio Giovanardi, a mulher filandesa Hilka e a filha de quatro anos se mudaram de São Paulo para Brasília e procuraram um lugar bom para passar os fins de semana.

Um colega de trabalho informou que um conhecido dele queria vender uma área de 12 alqueires (equivalente a 70 ha) à beira de um ribeirão, em troca de uma Kombi.

Na época, a Kombi que o posseiro tinha em vista custava 2.800 da moeda em circulação (talvez, Cruzeiro Novo). O sr. Eliseu, ex-posseiro, com aquela kombi inaugurou

o transporte entre Taguatinga e Santo Antônio do Descoberto. A área fascinou a família. Não tinham a menor ideia do que era Cerrado, mas a água cristalina do Ribeirão da Lajes, naquele mês de setembro, os conquistou.

A área estava devastada pelo fogo de todos os anos, pela carvoaria que ali funcionava e o gado solto, sem dono, pisoteando. As primeiras chuvas de setembro lhes deram a primeira lição ambiental. O Cerrado tem duas caras: a seca que estava acabando e a úmida que se iniciava. Giovanardi procurou se iniciar no Cerrado, encontrou e leu Paulo Bertran, Ezechias Heringer, consultor geógrafos e antropólogos e juntou sociologia ao ouvir antigos moradores.

Mas, na verdade, quem lhe despertou para o Cerrado foi Euclides da Cunha. Em *Os Sertões*, ele conta que os romanos, há 3 mil anos, produziam trigo na Tunísia,

guardando em pequenas barragens as águas da chuva. A solução estava ali. Convidou amigos para essa tarefa e, em grotas e canais de esgotamento, fizeram mais de uma centena de barragens simples de pedra, de paus, terra de cupim, para captar e deter as águas da chuva.

Os anos foram passando. O fogo ainda devastou, várias vezes, partes da área. Mas as duas nascentes intermitentes, 10 anos depois, se tornaram perenes. As árvores cresceram, se multiplicaram. Mangabeiras, bacuparis, aracás, mirtilos e palmitos deram frutos, e uma grande família de macacos-prego e saguis, abelhas, tatus e o vento jogaram sementes por toda parte. Trinta anos depois, o Sítio Neves virou floresta e santuário ecológico do Cerrado. As árvores têm milhares de anos de experiência e sabem se reproduzir se a espécie humana não atrapalhar, costuma dizer Giovanardi.

O valor do Cerrado é água e árvores que recarregam os aquíferos. Mais de uma centena de plantas frutíferas alimentam dezenas de espécies de pássaros e milhões de insetos. Há flores de todas as cores e tamanhos a começar pela minha favorita, a Caliantra, lembra Giovanardi. “Mas o que me faz amar o Cerrado é o silêncio pensativo das árvores, a quietude das noites, o céu atapetado de estrelas.”

Giovanardi considera essencial promover a educação sobre o bioma para as crianças. No entanto, a educação ambiental que propus à minha filha e duas netas foi abraçar as árvores, falar com elas e ouvi-las. “Não basta levar as crianças aos parques”, alerta Giovanardi.

“Um banho de Cerrado entre árvores curtidas pelo fogo, tocar nas pedras e nos musgos dos córregos, se balançar nos cipós e pular com eles de uma árvore